

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2018v21n2p229>

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: Editora UFF, 2017. 148p.

Romário Vieira Nelvo¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

“*Vamos fazer uma sacanagem gostosa?*” funciona como um convite.

É parte dos agenciamentos de um *boy*, visando a um ato sexual, quando este *flerta* com um cliente. Por meio dessa instigante proposta, a partir de universos em que a sexualização dos corpos é operante, é que Victor Hugo de Souza Barreto (2017) desbrava, por dentro, a multiplicidade das negociações de programas sexuais que conformam a prostituição masculina carioca, negociações essas tecidas nos espaços das saunas voltadas para o público de homens que fazem sexo com homens. Os programas são, já adianto, impulsionados por fluxos em que circulam práticas sexuais, fantasias e *desejos*. Os temas antropológicos da sexualidade, gênero, subjetividade e noção de pessoa são, aqui, centrais e estão em estreito diálogo com as contribuições teóricas de Deleuze e Guattari.

Na tessitura dos dados etnográficos em questão, as instâncias analisadas estão construídas como uma “Antropologia dos *desejos*”. Nos *desejos* se entrecruzam intensidades, temporalidades instantâneas e masculinidade. A masculinidade (ou *masculinidades*), tornada parte do jogo moral do prazer e da fantasia, não à toa, é um dos marcadores sociais das performances sexuais dos *boys*, a fim de que se ative o *desejo* no “outro”, para quem os seus serviços são direcionados. Com essa figuração se estabelece, entre o *boy* e o cliente uma interessante zona relacional, que o autor muito bem evidencia em sua minuciosa descrição etnográfica. À luz de conversas, teatralizações de si e os atos sexuais

propriamente ditos, a imaginação produz a realidade. Entretanto, são realidades em que o dinheiro é a mediação para as suas existências, o que faz do programa sexual a venda da pulsão afetiva no erotismo.

A obra que aqui se faz presente, intitulada pela categoria nativa que abre esta análise (*“Vamos fazer uma sacanagem gostosa?”*), resulta de uma etnografia de Mestrado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, defendida em 2012, sob orientação do professor Antônio Rafael Barbosa. Baseando-se em instigantes encontros com a *alteridade*, o relato trazido ao longo dos seus capítulos permite compreender processos constantes de produção de sujeitos. A partir da ênfase relacional, tendo como norte as dinâmicas da sexualidade, o que se vê emergir é um sem-número de afetividades, discursos, manejo dos corpos e olhares, além do estímulo ao cotidiano do “não dito”, como o apalpamento do membro sexual masculino. A comunicação, muitas das vezes, não é a verbal, mas, sim, a corporal. A etnografia em questão me parece ser menos uma contribuição acabada em si mesma, e, é ela própria, produto de um construir-se constante, uma capacidade de *devir* e desterritorialização em diversos sentidos. O primeiro deles é o do ofício da pesquisa de campo. Voltar a atenção para temas que tratam especificamente de práticas sexuais, requer impor limites, e, por vezes, repensar posições e reflexividades em campo. O segundo, é a forma como a etnografia consegue reunir uma discussão refinada tanto com os estudos mais clássicos quanto os mais recentes sobre as temáticas estudadas.

Não é de hoje que, tendo como foco o interesse em práticas sexuais, a Antropologia espera elucidar nuances que nos informam acerca da vida social e cultural. É talvez com Freud, e mais precisamente com Foucault, que a Antropologia procura, ora criticar as formulações teóricas desbravadas – o primeiro destes, em sua grande maioria –, ora se embebedar de suas teorizações sobre corpo e sexualidade – certamente, Foucault ocupa um lugar de destaque nessa conversa. No primeiro dos quatro volumes de *História da Sexualidade*, Foucault opõe-se à hipótese repressiva, e atenta-se para a modernidade como uma profusão de discursos que, antes de calar a sexualidade, incitam a “vontade de saber”, cada vez mais, acerca da verdade sobre o sexo. Na genealogia

apresentada pelo autor, encontramos os temas do *biopoder*, *biopolítica* e subjetividade. No campo brasileiro dos estudos sobre sexualidade e gênero, no qual o livro de Victor Barreto diretamente contribui, o impacto da obra de Foucault é central. Entretanto, como dar conta de categorias identitárias a partir de sexualidades cujas identidades, nos contextos de prostituição, não são fixas? Em uma leitura muito pessoal do livro de Victor Barreto, creio que tomar o postulado foucaultiano, no qual a sexualidade é uma das facetas que constrói o sujeito moderno, e atentar para os fluxos, intensidades e prazeres, de um ponto de vista deleuziano, por assim dizer, é um encontro teórico instigante em que o autor encara sem perder a riqueza dos dados empíricos.

Victor Barreto estabelece intensa conversa com o pioneiro estudo de Perlongher (1987) sobre prostituição masculina, intitulado “*O negócio do michê*”. A pesquisa do autor citado, hoje, é considerada um clássico no campo da sexualidade e prostituição brasileiros. Desde aqueles tempos, quando a capital paulista e suas ruas foram os cenários etnografados por Perlongher, até aos anos atuais, cada vez mais a sexualidade tem sido pensada em sua íntima articulação com o mercado. Os enfoques vêm sendo variados. Eles perpassam etnografias nacionais sobre a indústria pornográfica (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010), a satisfação e constituição do *Self*, a partir de construções de feminilidades eróticas, que, por sua vez, constroem “fissuras” naquilo que tem sido conceitualizado por *limites da sexualidade* (GREGORI, 2016): zonas onde habitam tanto o prazer quanto o abuso – ver, entre outras referências, a análise que eu mesmo elaborei sobre o assunto (NELVO, 2018). Trata-se de “fissuras” que produzem, também, fetiches que “espetacularizam a humilhação” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2015). Tendo esse vasto campo teórico como diálogo, já era de se esperar que as saunas e os interlocutores de Victor Barreto se tornassem complexos e carregados de definições e redefinições do “eu”, do prazer, da invenção, e, sobretudo, do gozo que se produz numa dialética que, às vezes, se altera: ora satisfação e renda; ora renda e satisfação. Isso faz parte do repertório não menos “simples”, mas, sim, produzido por dinâmicas relacionais constantes, na micropolítica da prostituição carioca. Por agora, creio que seja relevante adentrar mais detidamente ao livro do autor.

O trabalho de campo que alicerça a obra, foi efetuado nos anos de 2010 e 2011. Os lugares pelos quais Victor Barreto percorreu, a fim de compreender a prática da prostituição masculina, foram três saunas voltadas para o público de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens: *Aries* e *Gemini*, na região do bairro da Glória, próximo ao centro da cidade, e a *Taurus*, em Copacabana, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, são os lugares em que os dados de campo foram construídos. Vozes, expressões, performances de sexo e gênero, entre outros marcadores, teatralizam-se nas saunas em questão. Se a princípio pode parecer que a prostituição é enredada pela obviedade (“venda dos corpos”, “necessidades”, “vocação” etc.), todavia, insiste o autor, o encontro entre o *boy* e o cliente é atravessado por emoções e intensidades. Fantasias e desejos são, portanto, economias sexualmente agenciadas, o que faz com que o *acontecimento* do programa sexual seja circunscrito pelo “inesperado”. Como Victor Barreto nos mostra, pessoas que até então não se conheciam conversam em meio aos corpos *seminus* – uma vez que nas saunas as vestimentas são uma toalha e um chinelo de dedos. Os *boys flertam* com um cliente em potencial pelos corredores, salas de filmes pornográficos e pelas mediações dos bares.

Aos olhares antropológicos de Victor Barreto, que desbrava esses universos intensos, em que pululam as sensações, fantasias e prazeres, as saunas tornam-se territórios existenciais, em que se ativam os fluxos molares do *desejo*, e os sujeitos são atravessados por sua potência criativa de produção e intensidades. Assim, a etnografia opõe-se à filosofia clássica de Platão que toma o *desejo* como falta ou ausência. Ao justapor Deleuze e Guattari às saunas, o *desejo* aparece como uma atividade de produção. Isto é, ele produz realidades na imensidão das subjetividades, evidenciando a criação e os *devires*. Daí, que o *devir-boy* é um dos focos do etnógrafo, e surge da seguinte forma:

O “devir-boy” aqui é uma fuga a qualquer discurso funcionalista e essencialista que se faça sobre a prática da prostituição masculina. Uma possibilidade de desvio aos discursos redutores de uma “venda do corpo”, seja por “necessidades”, “talento” ou “vocação”, e mesmo de captura estatal que a coloca como “profissão”. Por mais organizadas que se apresentem algumas conformações da prostituição masculina, o programa em si é uma

modulação de intensidades, de frequências, momentos de “devir-boy” nos quais se agenciam e se interseccionam desejos, *afectos* e técnicas. (BARRETO, 2017, p. 137-138)

O livro contém uma introdução, quatro capítulos e uma breve conclusão. Victor Barreto organiza essa divisão de maneira análoga às diversas e possíveis fases de um programa sexual realizado por um *boy* dentro de uma sauna, que vai desde a erótica da fantasia, ao gozo final, ou seja, a satisfação do cliente. Dessa forma, “*Apresentando o programa*” é a sua nota introdutória. Aqui, são apresentados os interesses da pesquisa. Os temas da sexualidade e subjetividade, em intersecção com o mercado, são os que interessam o autor. Findo isso, “*Chegando à sauna*” é o primeiro capítulo do livro. Nesse momento inicial, Victor Barreto busca recontar o surgimento da sauna para homens na cidade carioca. O objetivo central é mostrar como o espaço foi sendo apropriado por pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com pessoas do mesmo sexo, no que tange às vivências de suas práticas sexuais. Dos “banhos públicos” do século dezenove, nos anos 1960 emergem as primeiras saunas, na efervescência da, então, recém Ditadura Militar brasileira. É paralelo a esse contexto de controvérsia no cenário político nacional, que o tipo de território existencial para fantasias, práticas e *desejos* em questão consolidam-se no Rio de Janeiro – que desde o seu início foi utilizado pelos até então *michês* como uma, também, territorialidade para o mercado da prostituição.

“*Encontrando o boy*” é o capítulo dois do livro. O autor evidencia as características específicas dos seus interlocutores. O momento em que o *boy* encontra o cliente é quando ocorre a negociação do programa, conformando os fluxos molares do *desejo*. Nesse momento, o que é dito, sobretudo pelo *boy*, faz parte do processo de significação da construção de uma fantasia. O *boy* não existe como “pessoa”, mas, sim, em sua capacidade de produzir *desejos* eróticos. Por isso, traçar um perfil sociológico dos interlocutores que se prostituem é uma tarefa quase impossível para o autor, uma vez que as informações são agenciadas a depender da relação estabelecida *no* momento. O nome utilizado, a idade, a família (se o *boy* é casado ou solteiro), a profissão que exerce fora dos ambientes da prostituição etc., dependem da fantasia de uma

intensidade momentânea. Para Victor Barreto, o interesse foi perceber como a adequação dessas características e a consequente venda da masculinidade fazem parte da negociação de um programa sexual. Neste, transitam objetos (como brincos, relógios, pulseiras, *piercings*, tatuagens, etc.), substâncias, histórias contadas, apelidos, nomes, cor da pele, origem social, e um sem número de outros emaranhados que vão se tocando, produzindo as fantasias, molecularizando os *desejos*, fabricando os fluxos, os repertórios das relações sociais, enredando, assim, as fantasias e as performances de sexo e gênero.

“*O negócio do programa*” é o capítulo três do livro. Aqui, a efetivação do programa é o centro da discussão. Victor Barreto demonstra quais são os recursos utilizados pelos *boys* para que o programa se realize de forma satisfatória. Nesse *ato* da fantasia, o *boy* lança mão de algumas técnicas, como a corporal, que se expressa na manutenção da ereção, e, ao mesmo tempo, na não ejaculação. Para esses efeitos, os *boys* munem-se de recursos farmacológicos (medicamentos) e visuais (filmes pornográficos). Isso diz respeito ao fato de que muitos deles não se consideram homossexuais. De modo que o *boy* toma banho quando entra e sai da sauna, como uma espécie de técnica para purificação no ambiente da prostituição. Por outro lado, a prática do programa em si não exclui a existência momentânea de prazeres entre os *boys*. Isso é uma das imprevisibilidades dos *desejos* e das afetividades presentes na micropolítica do *negócio da prostituição*. O gozo é velado pelos *boys*, pois “[...] consiste no próprio prejuízo financeiro que o orgasmo pode proporcionar [...]” (p. 111), já que acarretaria desgaste físico e inviabilizaria outros programas. Assim, “[...] no negócio da prostituição masculina, o orgasmo, no caso a ejaculação, transforma-se em ‘uma das práticas mais raras e caras’” (p. 111). Por outro lado, há *boys* que chegam à ejaculação com o cliente, seja por prazer, seja pelo preço elevado do programa. O dinheiro, dessa forma, é o fio condutor para o negócio do programa, porém, atentar para essas práticas imprevisíveis, em que jaz o gozo do próprio *boy*, permite sugerir que ele (o dinheiro) “[...] perpassa e conecta-se a outros fluxos que não o unicamente econômico” (p. 115).

“*Fazendo o programa*” é o último capítulo. “Mas você não acha que, para entender sobre a prostituição, você não teria que experimentar fazer um programa também?” (p. 118), perguntou um *boy* ao etnógrafo, em um momento em que seu corpo despertou o interesse sexual na sauna. A partir desse agenciamento de um *boy*, o autor passou a não ignorar o fato de ele mesmo ter e/ou despertar vontades e intensidades sexuais. Aqui, as reflexões metodológicas e éticas que envolveram o trabalho dialogam com a análise da pesquisa. A dificuldade de entrada nos campos, “pagar ou não pagar” por uma conversa, já que o dinheiro é tão central nas tessituras relacionais do *devir-boy*, as tentativas de ser “*boy* por um dia”, bem como o “sexo no campo” não foram inquietações político-morais-reflexivas ignoradas pelo autor. Ao contrário, ele refinou a capacidade com que essas questões poderiam somar às suas análises. Do modo como escreveu, Victor Barreto não precisou praticar sexo em campo. Ele estabeleceu contato com quem praticava, levando em consideração que, nas saunas, assim como qualquer outra pessoa, ele mesmo pode ser “lido” a partir de sua própria corporalidade – e, portanto, “lido a partir de meus próprios *desejos*” (p. 133).

Tomar a si próprio como objeto de análise etnográfica atende a seu principal objetivo: construir uma “Antropologia dos *desejos*”. A partir dos apontamentos teóricos e analíticos tecidos ao longo dos capítulos, a presente obra enriquece os estudos sobre sexualidades, gêneros e subjetividades – de repente, do modo mesmo como escrevo essas categorias: no plural. Se as saunas são ativadas por fluxos molares e tornam-se territórios existenciais para práticas e *desejos* sexuais, isso só confirma o quanto uma pesquisa atenta a essas negociações contribui para a Antropologia de uma forma geral. Pois exige adentrar a universos íntimos, isto é, os universos das fantasias, dos múltiplos “não ditos”, dos espaços que são permeados por sensações e acontecimentos, e extrair dali uma zona relacional intensa.

O trabalho de Victor Barreto demonstra o caráter inventivo das práticas sexuais, as performances dos marcadores sociais da diferença, e, por fim, desafia a reflexão sobre as dinâmicas identitárias ao apresentar que, o “sexo homossexual”, nada pode ter a ver com um reconhecimento de si como sujeito homossexual. No entanto, isso não é o mesmo que

afirmar que as pessoas não sintam prazeres sexuais no que estão fazendo, naqueles intervalos instantâneos de suas *fugas eróticas* no momento em que “vendem” sensações, fantasias e *desejos*. Por tudo o que essa etnografia representa, é possível concluir que, como o autor também o faz (cito): “[...] a prostituição exercida por homens se apresenta como um contexto diverso e muito rico em possibilidades analíticas” (p. 138).

Referências

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo:** Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. **Mana – Revista de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 65-90, 2015.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos:** erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NELVO, Romário Vieira. Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade, de Maria Filomena Gregori. São Paulo: **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 61, n. 1, p. 395-401, 2018.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Recebido em 10/03/2018

Aceito em 19/04/2019

Romário Vieira Nelvo

Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Yó Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), e Üientista Social pela UERJ. É pesquisador associado do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). Endereço para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, Yá Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20940-040. E-mail: nelvo.romario@gmail.com